

Tomando Decisões Bíblica

Lição 9

A Perspectiva Existencial:
Desejando O Bem



thirdmill

Biblical Education. For the World. For Free.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa publicação pode ser reproduzida sob qualquer forma, ou para fins lucrativos, exceto em breves citações para os propósitos de revisão e comentários, sem a permissão da editora Third Millennium Ministries, Inc. 316 Live Oaks Blvd., Casselberry, Florida 32707.

A menos que indicado de outra forma, todas as citações das Escrituras são da Bíblia Sagrada, Standard Version® (ESV®), copyright © 2001 por Crossway um ministério de publicação da Good News Publishers. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

SOBRE O THIRD MILLENNIUM MINISTRIES

Fundado em 1997, Third Millennium Ministries é uma organização cristã sem fins lucrativos dedicada a proveer:

Educação Bíblica, Grátis, Para o Mundo

Nosso objetivo é oferecer educação cristã gratuita a centenas de milhares de pastores e líderes cristãos em todo o mundo que não possuem treinamento suficiente para o ministério. Atingimos esse objetivo produzindo e distribuindo globalmente um currículo de seminário multimídia sem paralelo em inglês, árabe, mandarim, russo e espanhol. Nosso currículo também está sendo traduzido para mais de uma dúzia de outros idiomas por meio de nossos ministérios parceiros. O currículo consiste em vídeos com gráficos, instruções impressas e recursos da Internet. Ele foi projetado para ser usado por escolas, grupos e indivíduos, tanto online quanto em comunidades de aprendizagem.

Ao longo dos anos, desenvolvemos um método altamente econômico de produzir lições de multimídia premiadas com o melhor conteúdo e qualidade. Nossos escritores e editores são educadores teologicamente treinados, nossos tradutores são falantes nativos teologicamente de seus idiomas-alvo e nossas lições contêm as idéias de centenas de respeitados professores e pastores de todo o mundo. Além disso, nossos designers gráficos, ilustradores e produtores aderem aos mais altos padrões de produção usando equipamentos e técnicas de ponta.

Para cumprir nossas metas de distribuição, a Thirdmill estabeleceu parcerias estratégicas com igrejas, seminários, escolas bíblicas, missionários, emissoras cristãs e provedores de televisão por satélite e outras organizações. Essas relações já resultaram na distribuição de inúmeras vídeo-aulas para líderes indígenas, pastores e estudantes do seminário. Nossos sites também servem como vias de distribuição e fornecem materiais adicionais para complementar nossas lições, incluindo materiais sobre como iniciar sua própria comunidade de aprendizado.

Thirdmill é reconhecido pelo IRS como uma corporação 501 (c) (3). Dependemos das contribuições generosas e dedutíveis de impostos de igrejas, fundações, empresas e indivíduos. Para mais informações sobre o nosso ministério e para saber como você pode se envolver, visite www.thirdmill.org.

Conteúdo

I. Introdução	1
II. Importância dos Motivos.....	2
A. Conceito	2
1. Complexo	2
2. Geral e Específico	3
3. Conhecido e Desconhecido	3
B. Necessidade	3
1. Coração	4
2. Hipocrisia	5
3. Virtude	6
III. Motivo da Fé.....	7
A. Fé Salvadora	8
1. Meios de Salvação Inicial	8
2. Compromisso Contínuo	9
B. Arrependimento	11
C. Esperança	14
IV. Motivo do Amor	16
A. Fidelidade	17
1. Lealdade	17
2. Orientação	19
3. Responsabilidade	20
B. Ação	22
1. Graça Expiatória	22
2. Graça Comum	23
C. Afeto	25
1. Gratidão	26
2. Temor	27
V. Conclusão	30

Tomando Decisões Bíblicas

Lição 9

A Perspectiva Existencial: Desejando O Bem

INTRODUÇÃO

Todo pai sabe que as crianças às vezes quebram as coisas. Pode ser um prato, um brinquedo ou uma decoração. Mas de vez em quando, todas as crianças deixam um rastro de destruição em seu caminho. Agora, como pais, há várias maneiras pelas quais podemos responder. Se a criança quebrar alguma coisa de propósito, podemos ficar zangados. Nós também podemos ficar zangados se a criança for descuidada ou desobediente na ocasião. Mas se fosse realmente acidental, não estaríamos nem um pouco chateados.

Por que reagimos dessas maneiras diferentes? Nossas respostas são diferentes porque levamos em conta os motivos de nossos filhos. Podemos não ter reação alguma, podemos ter uma reação simpática e leve ou mesmo uma reação de raiva, dependendo de como avaliamos seus motivos. E algo semelhante é verdade em decisões éticas, mesmo para adultos. A ética nunca deve ser divorciada de nossos motivos. Nossos motivos, desejos e intenções são fatores importantes a serem considerados em todas as escolhas éticas que fazemos.

Esta é a nona lição da nossa série Tomando Decisões Bíblicas. E nós intitulamos esta lição “A Perspectiva Existencial: Pretendendo o Bem”. Nesta lição, investigaremos a perspectiva existencial sobre ética, observando as maneiras pelas quais nossos motivos e intenções afetam a moralidade de nossas decisões.

Como você deve lembrar, nosso paradigma para tomar decisões bíblicas é que o julgamento ético envolve a aplicação da Palavra de Deus a uma situação de uma pessoa. Quando olhamos para nossas escolhas à luz das normas da Palavra de Deus, estamos usando a perspectiva normativa. Quando prestamos atenção às circunstâncias, estamos usando a perspectiva situacional. E quando consideramos as pessoas envolvidas em questões éticas, estamos usando a perspectiva existencial. Nesta lição, continuaremos nossa investigação da perspectiva existencial.

Introduzimos a perspectiva existencial em nossa última lição, explorando o tipo de pessoa

ou pessoas necessárias para fazer uma boa escolha ética. Especificamente, é preciso que pessoas boas sejam boas, no sentido de que sejam redimidas pela graça de Deus por meio da fé em Jesus Cristo.

Nesta lição, nos concentraremos em outro aspecto da perspectiva existencial: nossos motivos éticos. Como veremos, para agradar a Deus, as pessoas boas devem fazer a coisa certa pelo motivo certo; Seus motivos devem ser justos.

Nossa lição sobre pretendendo o bem se dividirá em três partes principais. Primeiro, discutiremos a importância dos motivos, respondendo a perguntas como: o que é um motivo e como os motivos se relacionam com o bom comportamento? Em segundo lugar, falaremos do motivo da fé como um aspecto crítico da ética bíblica. E terceiro, nos concentraremos no motivo do amor que a Bíblia nos encoraja a ter. Vamos começar com a importância dos motivos na ética.

IMPORTÂNCIA DOS MOTIVOS

Discutiremos a importância dos motivos primeiro, considerando o conceito de motivo e, segundo, falando da necessidade de termos motivos adequados. Vamos começar analisando o conceito de motivo.

CONCEITO

Existem duas maneiras básicas para comumente usamos ao nos referir aos motivos. Por um lado, um motivo pode ser o propósito para o qual tomamos uma ação — o que esperamos realizar. E por outro lado, um motivo pode ser a causa de uma ação.

No primeiro sentido, os motivos são essencialmente os mesmos que os objetivos, assunto lidado em lições anteriores sobre a perspectiva situacional. Então, nesta lição, nos concentraremos nos motivos como causas das ações.

O conceito de causa e efeito é bem conhecido a partir da experiência comum. Por exemplo, quando uma pessoa chuta uma bola, dizemos que o chute é a causa que move a bola. E o movimento da bola é o efeito ou resultado do chute. Podemos pensar em muitos outros exemplos também. A chuva causa o efeito do solo molhado. Fechando nossos olhos nos faz não ver. Trabalhar duro o dia todo nos deixa cansados.

Bem, algo semelhante é verdade com motivos e ações humanas. Motivos servem como causas e nossas ações são os efeitos que eles produzem. Nesse sentido, um motivo é uma disposição interior que nos leva à ação. As disposições internas são coisas como traços de caráter, desejos, sentimentos, compromissos e qualquer outra coisa dentro de nós que nos faça agir.

Com essa idéia básica de motivos em mente, precisamos fazer três breves comentários.

Complexo

Primeiro, os motivos geralmente são complexos. Em circunstâncias normais, muitos traços de caráter, desejos, sentimentos e compromissos trabalham juntos para nos levar a decisões éticas.

Por exemplo, considere um pai que vai trabalhar para prover para sua família. Ele ama sua esposa e filhos, ele está comprometido em prover para eles, e ele deseja comida, roupas e abrigo para si mesmo. Ao mesmo tempo, ele pode ter desejos conflitantes, como o desejo de ficar em casa e relaxar, de trabalhar em sua casa ou de sair de férias. Todas essas disposições internas existem em variados graus de tensão e harmonia dentro dele. Mas no final, na maioria dos dias, o impacto coletivo desses motivos faz com que ele trabalhe.

Geral e Específico

Em segundo lugar, alguns motivos são muito gerais e alguns são muito específicos. E muitos motivos existem em algum lugar entre esses extremos.

Por exemplo, nosso desejo cristão de compartilhar o evangelho com os perdidos é um motivo geral. Somos motivados pelo nosso desejo de que as pessoas acreditem em Jesus e que o mundo todo seja trazido para o seu reino. Mas às vezes podemos estar motivados a compartilhar o evangelho de uma maneira específica com um indivíduo específico que conhecemos. E ainda outras vezes nossos motivos podem estar entre esses dois extremos; podemos sair à procura de incrédulos com quem podemos compartilhar o evangelho.

Conhecido e Desconhecido

Terceiro, além de ser complexo e mais ou menos geral e específico, nossos motivos podem ser conhecidos e desconhecidos para nós. Conhecemos bem alguns dos nossos motivos, mas nunca podemos estar plenamente conscientes de todos os nossos motivos.

Por exemplo, se um homem come uma refeição, podemos dizer com razão que seu motivo é a fome. A fome é um sentimento interno e estado de ser, e um homem faminto é geralmente consciente de sua fome.

Mas a psicologia e a experiência comum nos ensinaram que às vezes as pessoas comem porque estão infelizes e querem ser consoladas. Nesses casos, as pessoas que comem muitas vezes não estão cientes de que real motivo é que elas desejam consolado, para deixar de se sentirem infelizes.

Tendo discutido o conceito básico e algumas das complexidades dos motivos, estamos prontos para nos voltarmos para a necessidade de ter o motivo certo. Por que motivos são tão importantes na ética?

NECESSIDADE

Infelizmente, os cristãos muitas vezes caem na armadilha de acreditar que ser ético é meramente uma questão de obediência externa à vontade de Deus. Pensamos erroneamente que Deus não exige que tenhamos os motivos e desejos corretos. Às vezes, isso ocorre porque os comportamentos são mais fáceis de identificar e corrigir. Às vezes, é porque nossos pastores e professores sempre chamam nossa atenção para os comportamentos e não para os desejos e compromissos internos. E há outras razões também. No entanto, a Bíblia deixa claro que, se quisermos ser verdadeiramente éticos, nossos comportamentos que honram a Deus devem estar enraizados em motivos que honram a Deus.

Vamos explorar a necessidade de ter o motivo certo de três maneiras. Primeiro, veremos a exigência da Bíblia de que boas obras fluam do coração. Em segundo lugar, consideraremos a condenação da Bíblia à hipocrisia. E terceiro, falaremos do fato de que

a virtude cristã é uma fonte de motivos eticamente bons. Vamos começar com a ideia de que boas obras devem ser feitas a partir do coração.

Coração

As Escrituras falam do coração humano de muitas maneiras diferentes. Mas, para nossos propósitos, nos concentraremos em sua descrição do coração como a profundidade de nossa pessoa interior e a sede de nossos motivos. Ou, para colocar nos termos que usamos anteriormente nesta lição, nos concentraremos no coração como a soma de todas as nossas disposições internas. Nesse sentido, há muita sobreposição entre os conceitos bíblicos de coração, mente, pensamentos, espírito e alma.

Ouçã 1 Crônicas 28:9, onde Davi estabeleceu uma associação íntima entre os motivos e o coração:

Meu filho Salomão, reconheça o Deus de seu pai, e sirva-o de todo o coração e espontaneamente, pois o Senhor sonda todos os corações e conhece a motivação dos pensamentos. Se você o buscar, o encontrará, mas, se você o abandonar, ele o rejeitará para sempre (1 Crônicas 28:9).

Nesta passagem, Davi ensinou a seu filho que a obediência a Deus deve fluir das profundezas de nossa pessoa interior. Envolve devoção sincera e uma mente disposta. Deus não está apenas interessado em obediência externa. Ele exige que todo coração e todo motivo por trás dos pensamentos esteja verdadeiramente comprometido com ele. Ele requer obediência genuína que flui de nossos pensamentos e desejos mais profundos.

Muitas passagens nas Escrituras ensinam que a obediência deve fluir de bons motivos, como Deuteronômio 6:5-6 e 30:2-17; Josué 22:5; 1 Reis 8:61; Salmo 119:34; Mateus 12:34-35; Romanos 6:17-18; e Efésios 6:5-6 — só para citar alguns. A título de exemplo, vejamos uma passagem do Antigo Testamento e outra do Novo Testamento.

Primeiro, ouça as palavras de Deuteronômio 6:5-6:

Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças. Que todas estas palavras ... estejam em seu coração (Deuteronômio 6:5-6).

Como vemos nesta passagem, Deus requer no Antigo Testamento que seu povo o ame de coração. A lei de Deus deveria ser escrita em seus corações, para que eles o obedecessem de seus corações.

E isso também é verdade no Novo Testamento. Por exemplo, ouça estas palavras em Romanos 6:17-18:

Graças a Deus, porque, embora vocês tenham sido escravos do pecado, passaram a obedecer de coração à forma de ensino que lhes foi transmitida. 18 Vocês foram libertados do pecado e tornaram-se escravos da justiça (Romanos 6:17-18).

A expressão grega traduzida aqui “de todo o coração” é *ek kardias*. Mais literalmente, isso poderia ser traduzido como “fora do coração”. Como Paulo ensinou aqui, Deus requer obediência sincera — obediência que flui do coração.

Tendo visto que bons motivos são necessários porque as boas obras devem ser feitas de coração, devemos nos voltar para uma segunda razão pela qual devemos ter bons motivos quando tomamos decisões éticas: o ensino das Escrituras sobre a hipocrisia.

Hipocrisia

A hipocrisia vem em muitas formas nas Escrituras, mas aqui estamos particularmente interessados na hipocrisia como a falsa aparência da moralidade. Quando nosso comportamento exterior parece estar de acordo com a palavra de Deus, mas nossos motivos não, estamos agindo hipocritamente, e nossas ações não agradam a Deus.

Ouçã os ensinamentos de Jesus em Mateus 6:2-16:

Quando você der esmola, não anuncie isso com trombetas, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, a fim de serem honrados pelos outros. Eu lhes garanto que eles já receberam sua plena recompensa ... E quando vocês orarem, não sejam como os hipócritas. Eles gostam de ficar orando em pé nas sinagogas e nas esquinas, a fim de serem vistos pelos outros ... Quando jejuarem, não mostrem uma aparência triste como os hipócritas, pois eles mudam a aparência do rosto a fim de que os outros vejam que eles estão jejuando (Mateus 6:2-16).

Dar aos necessitados, orar e jejuar eram comportamentos bons e justos, em si e por si mesmos. Mas nesses casos, Jesus os condenou como hipócritas porque eram motivados pelo orgulho e não pelo amor a Deus e ao próximo. Ao condenar os motivos do mal dessa maneira, os ensinamentos da Bíblia contra a hipocrisia indicam que o bom comportamento sempre deve fluir de bons motivos.

Agora, temos que ter cuidado para não limitar a hipocrisia a descrentes pretensiosos; até mesmo os cristãos podem ter motivos que não correspondem às suas ações externas. Talvez o exemplo mais flagrante disso nas Escrituras seja o modo como certos cristãos judeus na Galácia tratavam os crentes gentios. Esses cristãos judeus deixaram de observar muitas práticas judaicas tradicionais, sabendo que a morte e ressurreição de Cristo exigiam que aplicassem os princípios do Antigo Testamento de novas maneiras. Mesmo assim, eles mantiveram algumas antigas tradições que permitiram que eles fossem honrados mais do que os gentios na igreja.

Surpreendentemente, até mesmo o apóstolo Pedro e o missionário Barnabé estavam entre esses hipócritas cristãos. Isso é ainda mais chocante quando consideramos que Pedro foi o primeiro a levar o evangelho aos gentios (como lemos em Atos 10), e que Barnabé foi um dos primeiros missionários ao mundo gentio (como lemos em Atos 13). Ouça o relato de Paulo sobre esse problema em Gálatas 2:11-13:

Quando, porém, Pedro veio a Antioquia, enfrentei-o face a face, por sua atitude condenável. Pois, antes de chegarem alguns da parte de Tiago, ele comia com os gentios. Quando, porém, eles chegaram, afastou-se e separou-se dos gentios, temendo os que eram da circuncisão. Os demais judeus também se uniram a ele nessa hipocrisia, de modo que até Barnabé se deixou levar (Gálatas 2:11-13).

Em resposta a essa hipocrisia, Paulo repreendeu Pedro, dizendo que o próprio Pedro vivia como um gentio e não como um judeu. Pedro sabia que em Cristo os gentios eram iguais aos judeus. Mas por medo de perder o respeito, ele estava disposto a agir de maneira que sugerisse que os cristãos gentios eram inferiores aos cristãos judeus. As ações de Pedro eram hipócritas porque ele era motivado por um desejo egoísta de preservar sua reputação, e não por um desejo piedoso de honrar a Deus e sua igreja.

Agora que vimos que as boas obras devem ser feitas de coração e sem hipocrisia, estamos prontos para considerar uma terceira razão para a necessidade de bons motivos, a saber, a virtude que deve caracterizar os seguidores de Cristo.

Virtude

Em termos simples, a virtude é um caráter moral louvável. Podemos também falar de virtudes no plural, nos referindo aos diferentes aspectos de um caráter moral louvável. A virtude é importante para nossa discussão dos motivos, porque o caráter virtuoso se expressa na forma de bons motivos. As Escrituras têm várias listas do que poderíamos chamar de virtudes, mas talvez a mais familiar seja a lista de Paulo do fruto do Espírito.

Em Gálatas 5:22-23, Paulo descreveu o fruto do Espírito desta maneira:

Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio (Gálatas 5:22-23).

Esta lista não é exaustiva, mas é um bom resumo das qualidades morais que Deus quer que seu povo tenha. Cada uma dessas virtudes deve ser uma disposição interior que nos leva a ações éticas. E nesse sentido as virtudes são motivos.

Por exemplo, a virtude do amor cristão deve nos motivar a agir de maneira amorosa. Da mesma forma, as pessoas que são alegres no Espírito serão motivadas por sua alegria. Pessoas pacíficas serão motivadas pela paz dentro delas. Os pacientes serão motivados pela paciência. Como Jesus ensinou em Mateus 12:35:

O homem bom do seu bom tesouro tira coisas boas (Mateus 12:35).

Para o restante desta lição, vamos nos concentrar nas virtudes do amor e da fé, porque as Escrituras dizem que são necessárias para as boas obras. Em preparação para isso, vamos examinar brevemente a ideia de que, a menos que possuamos as virtudes do amor e da fé, e a menos que essas virtudes motivem nosso comportamento, nada do que

fazemos pode ser considerado bom. Pense primeiro no modo como Paulo falou sobre o amor à igreja em Corinto. Em 1 Coríntios 13:1-3 ele escreveu estas palavras:

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine. Ainda que eu tenha o dom de profecia e saiba todos os mistérios e todo o conhecimento, e tenha uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver amor, nada serei. Ainda que eu dê aos pobres tudo o que possuo e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me valerá (1 Coríntios 13:1-3).

Esta passagem indica claramente que nossas ações devem fluir do amor em nossos corações. Quer dizer, se nossas ações não fluem do amor em nossos corações, Deus não as considera boas.

Da mesma forma, Hebreus 11:6 nos ensina que a virtude da fé deve funcionar como um motivo. Ouça as suas palavras:

Sem fé é impossível agradar a Deus, pois quem dele se aproxima precisa crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam (Hebreus 11:6).

De acordo com essa passagem, a virtude da fé deve nos motivar a agir de maneira fiel. Só então Deus ficará satisfeito com o nosso comportamento.

As Escrituras enfatizam a virtude cristã porque os motivos são tão importantes para a vida ética. E toda virtude ensinada pelas Escrituras funciona como um motivo dentro de nós. Assim, sempre que as Escrituras enfatizam a importância das virtudes cristãs, também está enfatizando a importância de motivos bons e virtuosos.

Agora que vimos a importância de ter os motivos certos quando tomamos decisões éticas, estamos prontos para explorar mais detalhadamente o motivo da fé. Por que é crítico para nós sermos motivados pela fé? E como a fé nos motiva?

MOTIVO DA FÉ

Qualquer um que conheça a Bíblia percebe que a fé é uma preocupação central tanto do Antigo como do Novo Testamento. E o tema da fé também ocupou um lugar central na teologia cristã tradicional. Nesta lição, estamos particularmente preocupados em considerar a fé como um motivo central da ética. Queremos explorar como a fé nos motiva a obedecer à Palavra de Deus.

As escrituras dizem muito sobre a fé de que seria impossível mencionarmos todas as maneiras pelas quais a fé serve como motivo. Assim, limitaremos nossa discussão a algumas das formas mais comuns e fundamentais como o tema da fé funciona em nosso processo de tomada de decisão. Primeiro, falaremos das maneiras pelas quais a fé salvífica serve como motivo. Em segundo lugar, discutiremos o motivo do

arrependimento como uma expressão primária da fé. E terceiro, falaremos de esperança como fé voltada para o futuro. Vamos começar com o motivo da fé salvadora, o tipo de fé que traz a salvação eterna.

FÉ SALVADORA

Para os nossos propósitos nesta lição, podemos resumir a fé salvadora como:

Assentir a verdade do evangelho e confiar em Cristo para nos salvar do pecado.

Naturalmente, há muito mais que poderia ser dito sobre a fé salvadora. Mas essa definição nos ajudará a ver como a fé funciona como motivo de boas obras.

As escrituras falam sobre a fé salvadora de duas maneiras principais. Por um lado, fala da fé como meio de salvação inicial. Por outro lado, fala dessa mesma fé salvadora como um compromisso contínuo em toda a nossa vida cristã. Vamos olhar primeiro para a fé salvadora como meio de salvação inicial.

Meios de Salvação Inicial

Quando dizemos que a fé salvadora é o meio de salvação inicial, queremos dizer que é a ferramenta que Deus usa para aplicar a salvação a nós. Podemos comparar a fé a um pincel que um pintor usa para aplicar tinta em uma casa. O pincel não torna a casa digna de ser pintada, assim como a fé não nos torna dignos de sermos salvos. O pincel é apenas a ferramenta que o pintor usa para tirar a tinta do balde para usá-la na parede da casa. Da mesma forma, a fé é uma ferramenta que Deus usa para aplicar a salvação a indivíduos pecadores. Não há nada em nossa fé que mereça ou ganhe a salvação. Pelo contrário, a vida e a morte de Cristo conquistaram a salvação, e Cristo nos dá livremente a salvação pela fé.

Ouçã as palavras de Paulo em Romanos 5:1-2:

Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo, por meio de quem obtivemos acesso pela fé a esta graça na qual agora estamos firmes; e nos gloriamos na esperança da glória de Deus (Romanos 5:1-2).

A justificação da qual Paulo falou aqui, onde Deus perdoa o pecado e nos declara justos, aconteceu para Paulo e seus leitores quando eles chegaram pela primeira vez à fé salvadora.

Este tipo de justificação acontece no estágio inicial de nossa salvação. É o ato gracioso de Deus pelo qual ele perdoa nossos pecados e credita o mérito de Cristo a nossa conta. E isso muda nosso status para sempre. Antes de sermos justificados, somos pecadores e inimigos de Deus. Mas assim que ele nos salva, nos tornamos seus amados santos. E a ferramenta que Deus usa para nos justificar é a fé salvadora.

No contexto de nossa salvação inicial, a fé salvadora nos motiva a nos arrependermos de nossos pecados e a confiar em Cristo para nossa salvação. Essas boas obras são as primeiras evidências de nossa salvação, uma vez que elas só podem ser motivadas pela verdadeira fé salvadora.

Além de falar da fé salvadora como meio de nossa salvação inicial, a Bíblia também fala sobre a fé salvadora como nosso compromisso contínuo com Cristo.

Compromisso Contínuo

Como um compromisso contínuo, a fé salvadora consiste em consentir continuamente com a verdade do evangelho e continuar confiando em Cristo para nos salvar de nossos pecados. É uma constante manutenção da mesma fé que foi o meio de nossa salvação inicial. E esse tipo de assentimento e confiança necessariamente influencia tudo o que acreditamos. Eles afetam a maneira como pensamos sobre nós mesmos, nossas famílias, nossos empregos, nossas sociedades e tudo mais em nossas vidas. Nesse sentido, a fé salvadora é uma cosmovisão abrangente que permanece relativamente estável em nossos corações e influencia todas as nossas decisões. É uma fé ativa que sustenta e motiva nossas boas obras.

Agora, precisamos ter cuidado para não pensar que a fé é apenas um ato mental. Não é simplesmente um reconhecimento de que Jesus é o Senhor e que somos salvos através do seu evangelho. Como Tiago 2:19 indica, até os demônios mentalmente reconhecem as verdades sobre Deus, mas isso não os salva.

Em vez disso, a fé salvadora também envolve nossos corações. É uma disposição interior que nos faz pensar, falar e agir de maneira que agrada a Deus. Então, sim, a fé salvadora envolve atos mentais. Mas quando nossa fé é genuína, esses atos mentais fluem de nossos corações. Desta forma, a fé salvadora funciona como um motivo na vida de todo crente, capacitando e até mesmo nos obrigando a fazer boas obras. Por exemplo, ouça o modo como Gênesis 15:6 fala da fé de Abraão:

Abrão creu no Senhor, e isso lhe foi creditado como justiça (Gênesis 15:6).

Este verso descreve a fé de Abraão no tempo em que Deus primeiro fez uma aliança com ele, e é tradicionalmente usado para fornecer a definição para salvar ou justificar a fé. Para entender por que isso ajuda a saber que a palavra hebraica para "crer" é da mesma raiz que o substantivo hebraico para "fé". Também ajuda lembrar que ser justificado é ser declarado justo. Então, este verso ensina que Abraão foi salvo, ou justificado, por meio de sua fé.

É por isso que o apóstolo Paulo apelou a Gênesis 15:6 para provar a doutrina da justificação pela fé. Ele fez isso tanto em Romanos 4 quanto em Gálatas 3. E cada vez que ele forneceu argumentos extensivos baseados no exemplo de Abraão, explicar que a salvação de Abraão por meio da fé é o modelo para todo crente em Cristo. E seguindo o exemplo de Paulo, os teólogos protestantes freqüentemente apelam a Abraão para provar que a fé sozinha é um meio suficiente de justificação. E enquanto esse argumento é perfeitamente verdadeiro e preciso, também podemos dar um passo adiante.

O fato é que Abraão teve fé salvadora muito antes de Deus fazer uma aliança com ele em Gênesis 15. De acordo com Hebreus 11:8 e Gênesis 12:4, Abraão agiu com fé quando deixou Harã para viajar para a Terra Prometida — muito antes do justificação registrada em Gênesis 15.

A cerimônia da aliança registrada em Gênesis 15 aconteceu depois que Abraão chegou à Terra Prometida, muitos anos depois de ter pela primeira vez adquirido a fé. Para ter certeza, a fé de Abraão neste momento era a salvação, justificando a fé. Mas não foi uma nova fé. Foi a mesma fé que caracterizou Abraão durante toda a sua vida como um crente. Então, quando Paulo usou esse evento para nos fornecer um modelo, ele não estava apenas se referindo ao fato de que nossa salvação inicial acontece por meio da fé. Ele também estava dizendo que todo crente deve manter a fé salvadora como um compromisso contínuo, assim como Abraão fez. Como Paulo escreveu em Gálatas 2:20:

A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no filho de Deus, que me amou e se entregou por mim (Gálatas 2:20).

E ouça Hebreus 10:38-39 onde o autor citou o Antigo Testamento e o relacionou com a igreja primitiva:

“Mas o meu justo viverá pela fé. E, se retroceder, não me agradarei dele”. Nós, porém, não somos dos que retrocedem e são destruídos, mas dos que crêem e são salvos (Hebreus 10:38-39).

Aqueles que acreditam e são salvos — isto é, aqueles que têm fé salvadora — não recuam e não são destruídos. Eles permanecem o curso na fé.

A verdadeira fé salvadora nos caracteriza ao longo de nossas vidas. Então, se a nossa fé não permanece em nós, então nunca foi uma fé verdadeiramente salvadora. Além disso, a verdadeira fé salvadora nos motiva a fazer boas obras. Então, se não estamos motivados a fazer boas obras, nossa fé é falsa; é uma fé falsa que não pode nos salvar. Como Tiago escreveu em Tiago 2:17-18:

Assim também a fé, por si só, se não for acompanhada de obras, está morta ... Eu lhe mostrarei a minha fé pelas obras (Tiago 2:17-18).

A fé salvadora sempre se manifesta em boas obras durante toda a nossa vida cristã.

Considere Hebreus 11, às vezes chamado de “Panteão da Fé”. Este capítulo resume a fé salvadora continua de muitos crentes do Antigo Testamento e apela a eles como exemplos para nossa própria fé. Hebreus 11 enfatiza que todas essas pessoas viveram pela fé, não apenas quando chegaram à fé, mas por toda a vida. E, mais precisamente, as muitas boas obras que realizaram foram motivadas pela fé contínua.

Por exemplo, em Hebreus 11:4, aprendemos que a fé salvadora de Abel o motivou a oferecer sacrifícios agradáveis a Deus. Abel concordou com a verdade de que Deus tinha o direito de exigir qualquer sacrifício que ele quisesse, e Abel confiava que Deus o abençoaria se ele obedecesse à vontade de Deus. E por causa de sua fé, Abel estava disposto a sacrificar coisas que eram extremamente valiosas para ele.

Em Hebreus 11:7 nos é dito que a fé salvadora de Noé o motivou a construir a arca e pregar contra o pecado que ele viu no mundo. Noé concordou com a verdade de que Deus usaria a arca para poupar a ele e sua família do dilúvio, e ele confiou em Deus para livrá-lo dessa maneira. Essa fé motivou Noé a enfrentar a tarefa extremamente difícil de construir a arca e também a pregar o evangelho aos que o rodeavam. Ele suportou o ridículo de seus vizinhos porque estava confiante de que Deus havia falado de verdade e que Deus pouparia seus vizinhos se eles se voltassem para o Senhor com fé.

Em Hebreus 11:17-19, aprendemos que a fé salvadora de Abraão o motivou a obedecer ao mandamento de Deus de sacrificar seu filho Isaque. Abraão concordou com o direito de Deus de exigir a morte de Isaque, e ele confiou que Deus abençoaria a ele e a Isaque através deste ato. Sua fé era tão forte que ele acreditava que Deus ressuscitaria Isaque dos mortos. E em sua misericórdia, Deus finalmente aceitou a fé de Abraão sem exigir a morte de Isaac.

Em Hebreus 11:25 nos é dito que a fé de Moisés o motivou a se identificar com os escravos israelitas, embora ele pudesse ter desfrutado do favor como membro da casa de Faraó. Moisés desistiu de uma vida de luxo e poder porque concordou com a verdade de que todas as bênçãos reais vêm de Deus. E ele voluntariamente se juntou à nação escrava de Israel porque ele confiou que Deus os redimiria de sua escravidão.

Além disso, nos versos 33-38, lemos que a fé dos santos do Antigo Testamento os motivou a conquistar reinos, administrar a justiça, sobreviver a ameaças a suas vidas, triunfar em batalha, suportar tortura, corajosamente enfrentar a execução e suportar muitos outros tipos de perseguições e maus-tratos. Eles foram capazes de perseverar e triunfar porque confiavam na bondade de Deus para com eles e confiavam nele como seu Salvador. Esse assentimento e confiança os fortaleceu para desejar e buscar o prazer de Deus acima de tudo em suas vidas.

E a mesma coisa é verdade para nós hoje. Precisamos permanecer firmes em nossa fé por toda a vida. Devemos constantemente concordar com as verdades que Deus proclama em sua Palavra, e devemos sinceramente confiar em suas bênçãos e salvação.

Como vimos nas lições anteriores, aqueles que não têm fé salvadora — isto é, os incrédulos no mundo — rejeitam a verdade de Deus e se recusam a confiar nele. Porque eles são escravizados pelo pecado, eles negam a bondade e soberania de Deus, eles rejeitam a salvação que ele oferece, e eles são motivados apenas para o pecado.

Mas quando realmente acreditamos que Deus é quem ele afirma ser e confia nele de todas as formas, então devemos reconhecer que a felicidade e a satisfação vêm apenas dele. Devemos ver que a obediência à sua vontade é o caminho para essas bênçãos. E desta forma, nossa fé pode nos motivar para boas obras também.

Com essa compreensão da fé salvadora em mente, estamos prontos para discutir o arrependimento como uma segunda maneira pela qual o motivo da fé funciona dentro da vida cristã.

ARREPENDIMENTO

Na Bíblia, o arrependimento é um aspecto sincero da fé, pelo qual genuinamente rejeitamos e nos afastamos de nossos pecados. É mais do que admitir e acreditar que somos pecadores e mais do que sentir pena de nossos pecados. Naturalmente, o

arrependimento envolve essas coisas. Mas a menos que realmente nos afastemos de nossos pecados e nos transformamos em bondade, não nos arrependemos de verdade.

Na Escritura, arrependimento e fé são freqüentemente dois lados da mesma moeda. A fé está se voltando para Cristo e o arrependimento está se afastando do pecado. E esses dois turnings são o mesmo movimento. A principal diferença entre eles é que a fé é descrita a partir da perspectiva daquilo que estamos começando a abraçar, e o arrependimento é descrito a partir da perspectiva daquilo que estamos deixando para trás. Nesse processo, nossas ações de arrependimento são motivadas por nossos sentimentos de arrependimento — nossa penitência, nossa contrição. E esses sentimentos são expressões de fé. Pela fé nós concordamos com o arrependimento como parte integral do evangelho, e pela fé confiamos que Deus nos perdoará quando nos arrependermos.

Considere, por exemplo, a conversão do gentio Cornélio, que está registrado em Atos 10. Nesse caso, Pedro foi enviado para pregar o evangelho a Cornélio e sua casa. E enquanto ele ainda estava falando, o Espírito Santo caiu sobre a casa, provando que eles tinham vindo para a fé salvadora. Mais tarde, em Atos 11, Pedro relatou esse evento à igreja em Jerusalém. E a resposta da igreja equacionou fortemente o arrependimento e a fé. Ouça a resposta da igreja em Atos 11:18:

[A igreja] louvou a Deus, dizendo: “Então, Deus concedeu arrependimento para a vida até mesmo aos gentios!” (Atos 11:18).

A conversão de Cornélio foi motivada por genuínos sentimentos de arrependimento. De fato, a conexão entre a fé salvadora e o arrependimento era tão forte que, na mente da igreja, a conversão poderia ser corretamente resumida em termos de arrependimento.

De maneira semelhante, João Batista equiparou o motivo do arrependimento ao motivo da fé. Quando os fariseus e saduceus chegaram a ele para serem batizados, João os exortou a fazer boas obras em harmonia com o arrependimento. Em Mateus 3:8 João os instruiu com estas palavras:

Dêem fruto que mostre o arrependimento! (Mateus 3:8).

O batismo de arrependimento de João pretendia ter repercussões ao longo da vida. O objetivo era levar as pessoas a abandonar seus pecados e abraçar a bondade daquele ponto em diante. Na mente de João, o verdadeiro arrependimento motivou boas obras.

E o apóstolo Paulo ensinou o mesmo princípio. Ao se apresentar diante do rei Agripa, explicando por que ele havia sido preso, Paulo resumiu o evangelho em termos de arrependimento e boas obras. Ouça suas palavras em Atos 26:20:

Preguei ... dizendo que se arrependessem e se voltassem para Deus, praticando obras que mostrassem o seu arrependimento (Atos 26:20).

Novamente, o arrependimento e a volta a Deus são mencionados como dois lados da mesma moeda. Quando nossos corações estão verdadeiramente arrependidos, nosso arrependimento nos motiva a nos desviarmos de nosso pecado e a viver de acordo com as maneiras que Deus aprova.

Há muitos exemplos memoráveis de arrependimento nas Escrituras. Por exemplo, Lucas 19:8 registra o arrependimento de Zaqueu, o cobrador de impostos. Quando ele chegou à fé em Cristo, ele parou de enganar as pessoas, deu metade de suas posses para os pobres e pagou quatro vezes a quantia que ele havia roubado das pessoas. Ele se afastou do pecado do roubo e voltou-se para uma vida contínua de fé e boas obras.

E Atos 9 registra que quando o apóstolo Paulo foi convertido, ele se arrependeu de seus pecados contra a igreja, e se tornou um evangelista poderoso, arriscando sua vida para pregar o evangelho e humildemente buscando comunhão com aqueles que ele havia anteriormente perseguido. Ele se afastou do pecado de perseguir a igreja e voltou-se para uma vida de serviço fiel a Cristo.

E em 2 Samuel 12 lemos sobre o arrependimento de Davi depois que ele foi confrontado pelo profeta Natã. Davi cometeu adultério com Bate-Seba e providenciou a morte de seu marido Urias para encobrir seu pecado. Mas Davi abandonou seu pecado confessando-o e demonstrando grande contrição. E ele se voltou para a fé ao começar a viver de acordo com a vontade de Deus, especialmente louvando a Deus pelo perdão que recebeu e também ensinando os outros a se arrependerem também. Ele até memorizou seu arrependimento no que talvez seja o maior salmo de arrependimento da Bíblia, Salmos 51. Ouça o que Davi escreveu no Salmo 51:12-14:

Devolve-me a alegria da tua salvação e sustenta-me com um espírito pronto a obedecer. Então ensinarei os teus caminhos aos transgressores, para que os pecadores se voltem para ti. Livra-me da culpa dos crimes de sangue, ó Deus, Deus da minha salvação! E a minha língua aclamará a tua justiça (Salmos 51:12-14).

Na vida de Davi, o arrependimento motivou-o a se alegrar, a obedecer a Deus de boa vontade, a ensinar a Palavra de Deus aos outros e a cantar os louvores do Senhor.

O exemplo de arrependimento de Davi é particularmente importante para os cristãos porque Davi era um crente tão forte e um modelo de fé antes de pecar. Antes do pecado de Davi, ele havia demonstrado sua fé em Deus várias vezes ao longo de sua vida. E Deus abençoou a fé de Davi, elevando-o de um humilde pastor a um poderoso guerreiro ao rei sobre a nação de Israel. Mas aparentemente no auge do favor de Davi com o Senhor, depois de sua fé ter sido provada repetidas vezes, Davi caiu em pecado horrível. Ele se tornou um adúltero e um assassino. E os crentes modernos também caem em pecados igualmente hediondos. Pergunta e resposta 82 do *Catecismo Menor de Westminster* resume bem este ensinamento bíblico. Em resposta à pergunta:

Qualquer homem pode perfeitamente guardar os mandamentos de Deus?

O Catecismo responde:

Nenhum mero homem desde a queda é capaz nesta vida perfeitamente de guardar os mandamentos de Deus, mas os quebra diariamente em pensamento, palavra e ação.

Nós nos pecamos todos os dias. E isso significa que temos uma obrigação e uma oportunidade de nos arrependermos todos os dias.

Você pode estar ciente de que no ano de 1517 o teólogo alemão Martinho Lutero iniciou involuntariamente a Reforma Protestante, publicando suas famosas *Noventa e Cinco Teses* na porta da igreja em Wittenberg. Mas você sabe qual foi a primeira de suas teses? Foi simplesmente isso:

Quando nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo disse: “Arrependa-se”, ele pediu que toda a vida dos crentes fosse arrependimento.

Porque a vida cristã é uma vida de fé, também deve ser uma vida de arrependimento. À medida que seguimos em frente confiando nas promessas de Deus, olhamos para trás de tempos em tempos. E quando vemos como ofendemos a Deus e aos outros, o arrependimento nos motiva a pedir perdão e a agir de maneira diferente no futuro. Na prática, às vezes é desconfortável admitir e confessar nossos pecados específicos. Mas quando confiamos no perdão e na salvação de Deus, e quando desejamos agradá-lo, somos motivados a nos humilhar, a nos desviar de nossos pecados e a buscar a justiça que caracteriza o reino de Deus.

Tendo considerado a fé salvadora e o arrependimento, estamos prontos agora para abordar a esperança como um terceiro aspecto do motivo da fé.

ESPERANÇA

A Bíblia fala de esperança de maneiras diferentes. Mas, para nossos propósitos, nos ajudará considerar os momentos em que a Escritura descreve a esperança como a fé voltada para os aspectos futuros de nossa salvação em Cristo.

As Escrituras ensinam que a salvação não é completada nesta vida. Nós fomos justificados e recebemos o Espírito Santo. Mas ainda não fomos aperfeiçoados. Nós ainda lutamos com o pecado. Ainda sofremos de morte e doença, e ainda lutamos contra muitos problemas e corrupções no mundo. Quando morrermos e formos para o céu, seremos libertados desses problemas. Mas mesmo assim nossa salvação não será completa. Ainda esperamos que Jesus retorne à Terra para fazer tudo novo e justo. Ainda aguardamos por nossos corpos ressuscitados e glorificados, e os novos céus e a nova terra.

No Antigo Testamento, o povo de Deus era freqüentemente exortado a esperar na futura salvação de Deus. E seguindo este exemplo, o Novo Testamento comumente se refere à nossa confiança nos aspectos futuros da salvação como a grande esperança do cristianismo. Por exemplo, em Romanos 8:23-24, Paulo falou sobre nossa esperança de ressurreição futura com estas palavras:

Nós mesmos, que temos os primeiros frutos do Espírito, gememos interiormente, esperando ansiosamente nossa adoção como filhos, a redenção do nosso corpo. Pois nessa esperança fomos salvos. Mas, esperança que se vê não é esperança. Quem espera por aquilo que está vendo? (Romanos 8:23-24).

A esperança é a crença confiante de que, assim como Jesus nos deu seu Espírito Santo, ele retornará para renovar o mundo e nos conceder nossa herança nele. E como a fé salvadora, esse tipo de esperança é firme e seguro.

Hebreus 6 fala dessa esperança relacionando-a com a crença de Abraão nas promessas da aliança de Deus. E diz que nossa salvação futura é baseada nas promessas que foram feitas a Abraão. Ouça Hebreus 6:17-19:

Querendo mostrar de forma bem clara a natureza imutável do seu propósito para com os herdeiros da promessa, Deus o confirmou com juramento, para que ... sejamos firmemente encorajados, nós, que nos refugiamos nele para tomar posse da esperança a nós proposta. Temos esta esperança como âncora da alma, firme e segura (Hebreus 6:17-19).

Nossa esperança não é um desejo provisório. É firme e certo porque Deus jurou completar a nossa salvação.

Esse tipo de esperança motiva bons trabalhos de várias maneiras. De acordo com 1 Tessalonicenses 5:6-10, o capacete da esperança motiva a atenção e o autocontrole. E comparando esses versículos com outros que falam sobre a armadura de Deus, fica claro que, a maneira que o capacete da esperança nos ajuda a nos controlar é nos protegendo de ataques e tentações demoníacas. Assim, a esperança serve como motivo para as boas obras, nos dando uma razão para resistir ao pecado.

Na medida que esperamos pelas bênçãos que nos aguardam, sabemos que seremos mais abençoados se obedecermos ao Senhor do que se pecarmos. Também sabemos que os prazeres temporais do pecado não são dignos de serem comparados com as bênçãos eternas que Deus reservou para nós.

Em Colossenses 1:5 também aprendemos que a esperança na nossa futura salvação nos motiva a amar mais e a ter uma fé mais forte. E, claro, tanto o amor quanto a fé não são apenas boas obras, mas também motivos para boas obras. Assim, ao motivar a fé e o amor, a esperança é a fonte de boas obras imensuráveis.

Da mesma forma, 1 Tessalonicenses 1:3 ensina que a esperança aumenta nossa perseverança, ajudando-nos a permanecer firmes em nossa fé e a realizar obras que são agradáveis a Deus. Mas talvez o resumo mais abrangente da esperança como motivo possa ser encontrado em 1 Pedro 1:13-15. Ouça o que Pedro escreveu lá:

Estejam com a mente preparada, prontos para agir; estejam alertas e coloquem toda a esperança na graça que lhes será dada quando Jesus Cristo for revelado. Como filhos obedientes, não se deixem amoldar pelos maus desejos de outrora, quando viviam na ignorância. Mas, assim como é santo aquele que os chamou, sejam santos vocês também em tudo o que fizerem (1 Pedro 1:13-15).

A esperança nos prepara para obedecer e sermos santos em todos os aspectos de nossas vidas. Ele nos prepara para suportar dificuldades, assim como o próprio Jesus fez. Como lemos em Hebreus 12:2-3:

Tendo os olhos fitos em Jesus, autor e consumidor da nossa fé. Ele, pela alegria que lhe fora proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha, e assentou-se à direita do trono de Deus. Pensem bem naquele que suportou tal oposição dos pecadores contra si mesmo, para que vocês não se cansem nem desanimem (Hebreus 12:2-3).

Muitos de nós tiveram a experiência de perder a esperança em um ponto ou outro. Talvez sentimos que Deus nos abandonara ou não sabíamos que nossa fé era verdadeira. Mas seja qual for a causa, a desesperança muitas vezes nos faz sentir desamparados, como nada do que fazemos pode mudar alguma coisa. Isso nos priva de propósito e significado na vida. E pode até mesmo tornar os trabalhos mais simples difíceis de serem executados.

Quando perdemos a esperança como cristãos, muitas vezes paramos de tentar resistir ao pecado. Perdemos nosso propósito de suportar as lutas que encontramos na vida e podemos até nos desesperar da própria vida. Mas quando nossa esperança é forte, podemos ser motivados a suportar os maiores desafios da vida, a superar todos os obstáculos, porque temos nossos olhos fixos em Deus, que promete nos preservar.

Agora que vimos a importância dos motivos e discutimos o motivo da fé, estamos prontos para abordar nosso terceiro tópico principal: o motivo do amor.

MOTIVO DO AMOR

O amor é um dos conceitos mais reconhecidos mas menos compreendidos da fé cristã. Podemos ver que o amor é central nos ensinamentos da Bíblia. Somos exortados a amar o Senhor, amar uns aos outros e até amar nossos inimigos. Ao mesmo tempo, a maioria das pessoas não têm a noção apropriada do que significa cumprir os mandamentos da Bíblia de amar.

Você se lembra de como Jesus resumiu os ensinamentos do Antigo Testamento? Ele disse que o maior mandamento da lei é Deuteronômio 6:5, que diz que devemos amar a Deus. E o segundo maior mandamento é Levítico 19:18, que requer que amemos ao nosso próximo. E então ele disse que essas duas leis resumem todo o Antigo Testamento. Ouça suas palavras em Mateus 22:37-40:

“Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento”. Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: “Ame o seu próximo como a si mesmo”. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas (Mateus 22:37-40).

O ponto de Jesus não era que as centenas de outras leis no Antigo Testamento eram de alguma forma menos importantes do que essas duas. Em vez disso, esses dois são os maiores mandamentos, porque eles incluem os outros, porque os outros estão

pendurados neles. Eles expressam os princípios gerais que todas as outras leis explicam e aplicam.

Este é o mesmo princípio que Paulo ensinou em Romanos 13:9 e Gálatas 5:14. De fato, o amor é tão fundamental para todas as boas obras que, se não está entre nossos motivos, nossas obras nunca podem ser contadas como boas.

Portanto, sabemos que é fundamental que amemos a Deus e ao próximo. Mas como é esse tipo de amor e como isso deve nos motivar? Bem, de acordo com Jesus, a maneira de amar a Deus e ao próximo é viver de acordo com os ensinamentos da Lei e dos Profetas, corretamente interpretados e aplicados às nossas situações. É claro que não é possível explorarmos todas as maneiras pelas quais a lei e os profetas nos ajudam a entender o que é o amor. Então, ofereceremos uma definição que resuma os ensinamentos da Bíblia sobre o amor em termos de três elementos gerais.

Vamos resumir o amor como consistindo em lealdade, ação e afeição. Esses três elementos abrangem a maioria dos ensinamentos da Bíblia sobre o amor, e eles se sobrepõem de muitas maneiras. Ao considerar o amor a partir da perspectiva de cada elemento, poderemos aprender muito sobre as maneiras pelas quais o amor pode nos motivar a fazer boas obras.

De acordo com nossa definição de amor, exploraremos o motivo do amor falando primeiro de lealdade, segundo de ação e terceiro de afeto. Vamos começar com amor como lealdade que nos motiva a fazer o bem a Deus e ao próximo.

FIDELIDADE

Nossa discussão sobre fidelidade será dividida em três partes. Primeiro, falaremos da lealdade que devemos a Deus e aos outros. Em segundo lugar, abordaremos nossa orientação de vida. E terceiro, vamos mencionar a importância de descobrir nossa responsabilidade. Estas são algumas das principais maneiras pelas quais a Bíblia fala sobre lealdade e motivos, de modo que nos dará uma boa base para entender a fidelidade como um todo. Vamos começar com a lealdade como um aspecto crítico da fidelidade.

Fidelidade

De muitas maneiras, a lealdade é a pedra angular do conceito de amor. Como vimos em uma lição anterior, o Antigo Testamento retrata consistentemente Deus como o rei da aliança sobre o seu povo. Ele é o suserano ou imperador supremo e seu povo é seu reino vassalo ou servo. E como em qualquer reino, a responsabilidade mais básica do povo é a lealdade ao rei. Mas como isso se relaciona com o amor?

Bem, no antigo *Antigo Oriente Próximo* (o mundo do Antigo Testamento), era comum que a relação de aliança entre um suserano e seu estado vassalo fosse descrita em termos de amor. O amor do suserano foi expresso em grande parte sob a forma de lealdade de aliança ao seu povo. Ele lhes deu proteção, preservou a justiça para eles e satisfaz suas necessidades terrenas. Esse era o amor dele por eles. E em resposta, o povo vassalo era obrigado a ser leal a ele. Eles deviam obedecer a suas leis, apoiá-lo por meio

de impostos e serviços, e honrá-lo como seu rei. Esse era o amor deles por ele. Da mesma forma, os cidadãos deveriam amar uns aos outros, tratando seus vizinhos como compatriotas, respeitando e cuidando deles.

De acordo com esse conceito de amor, os reinos da aliança do *Antigo Oriente Próximo* usaram muitas metáforas para descrever a relação entre o suserano e seus vassalos. Frequentemente, o suserano era descrito como pai, enquanto os vassalos eram descritos como seus filhos, como em Isaías 64:8. Também vemos essa relação descrita em termos de marido e mulher, como em Jeremias 31:32. Ao pensar em seu relacionamento com o rei nesses termos, as pessoas foram capazes de entender seus sentimentos por eles e suas obrigações para com ele. E porque os cidadãos do reino eram todos parte da mesma família, eles deveriam ver e tratar uns aos outros como seus irmãos e irmãs. Pensar nessas relações políticas em termos de família ajudou as pessoas a ver que essa lealdade amorosa e lealdade era para ser sincera. Era para ser uma disposição interior de favor que as motivassem a honrar, respeitar e obedecer ao rei e a tratar seus vizinhos com verdadeira compaixão e preocupação.

Um bom lugar para ver essa ideia em ação é Deuteronômio 6, onde Moisés usou o conceito de amor para explicar a lealdade e a obediência que os israelitas deviam prestar a Deus. Embora seja útil citar todo o capítulo, o tempo nos permitirá apenas destacar algumas de suas declarações. Ouça estas palavras em Deuteronômio 6:1, 5:

Esta é a lei, isto é, os decretos e as ordenanças, que o Senhor, o seu Deus, ordenou que eu lhes ensinasse, para que vocês os cumpram ... Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças (Deuteronômio 6:1, 5).

Neste capítulo, o amor a Deus é resumido em termos de obediência aos mandamentos, decretos e leis de Deus. E este resumo é seguido por várias maneiras específicas que Israel demonstrou seu amor por Deus.

Por exemplo, Deuteronômio 6:13-17 destaca lealdade e obediência. Ouça o que Moisés escreveu lá:

Temam o Senhor, o seu Deus, e só a ele prestem culto, e jurem somente pelo seu nome. Não sigam outros deuses, os deuses dos povos ao redor; pois o Senhor, o seu Deus, que está no meio de vocês, é Deus zeloso; a ira do Senhor, o seu Deus, se acenderá contra vocês, e ele os banirá da face da terra ... Obedeçam cuidadosamente aos mandamentos do Senhor, o seu Deus, e aos preceitos e decretos que ele lhes ordenou (Deuteronômio 6:13-17).

Agora, se o amor de Deus por nós fosse igual ao amor que um pai comum tem por seus filhos, nunca seria de se esperar ouvir sobre sua disposição em nos destruir se não o seguirmos. Mas o fato é que o amor paternal de Deus é o amor de um rei por seu povo. A metáfora da paternidade é útil porque destaca as maneiras pelas quais Deus nos protege, nos fornece e se preocupa conosco. Mas a paternidade ainda é apenas uma metáfora. Por trás dessa metáfora está o fato de que Deus é nosso rei. Ele realmente nos domina. Ele é realmente soberano. Nós realmente estamos comprometidos com a aliança de Deus. E,

portanto, a maneira mais básica e importante pela qual podemos demonstrar nosso amor por ele é por meio de nossa sincera lealdade à aliança.

E o Novo Testamento confirma essa ideia de várias maneiras. Por exemplo, Jesus é nosso Senhor e Rei, e devemos prestar amor a ele através de obediência leal, bem como através de nossa lealdade à sua igreja. Nós não podemos nos afastar dele ou rejeitá-lo. Não podemos colocar outras lealdades à frente de nossa lealdade a ele. Não podemos rejeitar as obrigações que ele nos impõe. E não podemos maltratar ou abandonar as pessoas que ele ama. Mostrar tal deslealdade seria odiá-lo e convidar seu julgamento. Mas se permanecermos firmes em nosso amor por ele, ele nos recompensará em seu reino.

Considere Apocalipse 1:4-6 onde João introduziu seu livro desta maneira:

A vocês, graça e paz da parte ... de Jesus Cristo ... o soberano dos reis da terra. Ele nos ama e nos libertou dos nossos pecados por meio do seu sangue, e nos constituiu reino e sacerdotes para servir a seu Deus e Pai. A ele sejam glória e poder para todo o sempre! (Apocalipse 1:4-6).

E como Jesus afirmou em João 14:15:

Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos (João 14:15).

No relacionamento de aliança de Deus conosco, a lealdade é uma virtude positiva, motivando-nos a servir nosso Senhor e Rei, e a honrar e cuidar daqueles que vivem conosco sob seu governo. E, inversamente, também é um requisito negativo, proibindo alianças rivais a outros deuses e ídolos em nossas vidas.

Com essa compreensão da lealdade em mente, estamos prontos para falar da maneira como nosso amor a Deus exige que adotemos uma nova orientação para a vida.

Orientação

A lealdade que devemos a Deus toca todas as áreas de nossas vidas. Não há nenhum aspecto da vida que ocorra fora de seu reino ou além de seu governo soberano. Por essa razão, nossas vidas devem ser orientadas de maneira abrangente em torno dele. Deus e seu reino devem ser nossas maiores prioridades, o foco de nossos desejos e o centro de nossa cosmovisão. Devemos estar interiormente dispostos a trabalhar em benefício de Deus e do seu povo em tudo que pensamos, dizemos e fazemos.

Como vimos, Deuteronômio 6:5, o primeiro grande mandamento, resume a pessoa humana em termos de coração, alma e força. Esses termos não pretendem representar as diferentes partes de nosso ser, como se pudéssemos ser divididos em três ou quatro partes distintas. Cada um fala da pessoa inteira. No vocabulário hebraico, nosso coração não é apenas nossas emoções, mas o centro de todo o nosso ser, incluindo nossa mente, nossa consciência e todos os outros aspectos de nosso caráter. Da mesma forma, nossa alma é todo o nosso ser, incluindo nossa mente consciente e nossos desejos subconscientes. E a palavra para “força” em Deuteronômio não se refere ao nosso corpo

ou ações, mas se refere à intensidade do nosso amor por Deus, e à nossa determinação de usar todas as nossas habilidades para buscar esse amor. Assim, por cada um desses termos, as Escrituras nos exortam a estar totalmente comprometidos com Deus com todo o nosso ser.

E ao unir este grande mandamento com o mandamento de amar nosso próximo, Jesus indicou que devemos ter o mesmo tipo de amor por outras pessoas e especialmente por nossos concidadãos no reino de Deus. Esses compromissos para com Deus e seu povo devem ser nossa principal orientação na vida. Eles devem ser os compromissos mais fundamentais de nossas disposições internas.

É claro que o maior exemplo da orientação correta na vida é Jesus. Jesus orientou toda a sua vida em torno de Deus e em torno das pessoas que ele veio salvar. Essa orientação o motivou a obedecer a Deus perfeitamente em todas as coisas e a se sacrificar voluntariamente pelas pessoas que amava. E nossa fidelidade a Deus e aos nossos vizinhos deve nos levar a ter a mesma orientação em nossas vidas. Deve até nos motivar a fazer os mesmos tipos de sacrifícios que Jesus fez. Como lemos em 1 João 3:16:

Nisto conhecemos o que é o amor: Jesus Cristo deu a sua vida por nós, e devemos dar a nossa vida por nossos irmãos (1 João 3:16).

Quando fazemos de Deus o centro de nossas vidas, isso afeta todas as nossas decisões, desde nossos pensamentos aleatórios, até a maneira como tratamos as outras pessoas, até a pessoa com quem escolhemos nos casar. Quando deixamos de orientar nossa vida em torno de Deus, acabamos centralizando nossas vidas em torno de outras prioridades, como dinheiro, poder, influência, recreação ou indivíduos carismáticos. E essas orientações também influenciam nosso comportamento, mas o fazem de uma maneira que promove uma agenda diferente daquela que Deus prescreveu em sua Palavra. Mas quando orientamos nossas vidas em torno de Deus e de seu povo, seguimos a agenda de seu reino e estamos motivados a viver de maneira a agradá-lo.

Tendo abordado as questões de lealdade e orientação, estamos prontos para considerar a maneira como nosso amor a Deus e a nossos vizinhos deve nos motivar a descobrir nossa responsabilidade perante o Senhor em todas as áreas da vida.

Responsabilidade

O amor é uma orientação de obediência e serviço a Deus. Então, deve nos dispor a guardar todos os mandamentos de Deus. Mas como exatamente podemos fazer isso? É simplesmente uma questão de contar todos os estatutos e requisitos da lei e depois fazer as coisas que eles explicitamente listam? Ou devemos servir ao Senhor de maneiras que vão além dos exemplos especificamente mencionados nas Escrituras? Bem, a resposta é que nossa lealdade de amor a Deus deve nos motivar a buscar maneiras adicionais que somos responsáveis por ele.

Para explicar o que queremos dizer, vamos analisar os dez mandamentos. Como estão listados em Êxodo 20:3-17, os mandamentos são:

- Você não deve ter outros deuses diante de mim.
- Você não deve fazer para si mesmo um ídolo.

- Você não deve abusar do nome do Senhor seu Deus.
- Lembre-se do dia de sábado, mantendo-o sagrado.
- Honre seu pai e sua mãe.
- Você não deve assassinar.
- Não cometerás adultério.
- Você não deve roubar.
- Você não deve dar falso testemunho contra o seu próximo.
- Você não deve cobiçar.

Oito desses mandamentos proíbem especificamente certos comportamentos e não mencionam explicitamente qualquer coisa que devemos fazer ativamente. Se imaginarmos que todas as nossas responsabilidades foram explicitamente mencionadas nas Escrituras, concluiríamos que há apenas duas coisas que devemos buscar ativamente: guardar o sábado e honrar nossos pais. Da mesma forma, concluiríamos que o mandamento contra o assassinato proíbe o assassinato, mas não coisas como a raiva injusta. Mas estaríamos errados. O fato é que a Bíblia aplica regularmente esses mandamentos a todas as áreas de nossas vidas.

Como apenas um exemplo, considere Mateus 5:21-22, onde Jesus apresentou o seguinte ensinamento:

Vocês ouviram o que foi dito aos seus antepassados: “Não matarás”, e “quem matar estará sujeito a julgamento”. Mas eu lhes digo que qualquer que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento. Também, qualquer que disser a seu irmão: “Racá”, será levado ao tribunal. E qualquer que disser: “Louco!”, corre o risco de ir para o fogo do inferno (Mateus 5:21-22).

Aqui Jesus se referiu ao que foi dito ao povo, isto é, o que lhes foi ensinado por alguns intérpretes judeus das Escrituras.

Se não buscarmos nossas responsabilidades diante de Deus, é muito fácil desenvolver a mentalidade de que a Palavra de Deus só vincula uma parte muito pequena de nossas vidas, que a lealdade que lhe devemos é extremamente limitada. Podemos cometer o erro de pensar que, porque nossas circunstâncias são diferentes das da Escritura, as exigências de Deus não se aplicam a nós. Isso nos deixa ignorantes de nossas responsabilidades, de modo que não podemos nos proteger contra o pecado.

Mas quando procuramos adequadamente nossas responsabilidades diante de Deus, entendendo que somos obrigados a sermos leais a ele em todas as áreas de nossa vida, estamos em melhor posição para tomar decisões que ele aprova. Nosso amor por Deus deve nos deixar insatisfeitos com um conhecimento limitado de suas necessidades e das necessidades de nossos vizinhos. Nosso amor por Deus deve nos motivar a descobrir todas as nossas responsabilidades para com o nosso grande Rei e seu povo, para que possamos cumprir nosso dever da melhor maneira possível.

Tendo falado em lealdade, devemos nos voltar para o tópico da ação, que descreve como devemos nos comportar em relação a Deus e uns aos outros.

AÇÃO

Nossa discussão da ação se dividirá em duas partes. Especificamente, falaremos sobre as maneiras pelas quais as ações de Deus servem de modelo para nosso próprio comportamento. Por um lado, vamos olhar para as ações de Deus referentes a graça expiatória. E, por outro lado, veremos suas ações referentes a graça comum. Vamos começar com o modo como a graça expiatória de Deus serve de modelo para nossas ações.

Graça Expiatória

Como dissemos ao longo desta série, o caráter de Deus é o nosso padrão ético final. E porque Deus sempre age de acordo com seu caráter, todas as suas ações são expressões perfeitas de seu caráter.

É por isso que as Escrituras comumente nos exortam a padronizar nosso caráter e nossas ações segundo as de Deus, especialmente no que diz respeito ao resgate e redenção daqueles a quem ele ama. Por exemplo, em Deuteronômio 5:13-15, o Senhor exigiu que todo o Israel observasse o sábado. Mestres, servos, peregrinos e até animais foram dados descanso neste dia, imitando o descanso do trabalho que Deus trouxe para toda a nação quando os redimiu da escravidão no Egito.

Da mesma forma, em Mateus 18:23-35, Jesus ensinou que devemos imitar o perdão de Deus. Devemos perdoar aqueles que pecam contra nós porque Deus nos perdoou por pecar contra ele. E assim como o perdão de Deus para nós, nosso perdão aos outros deve ser sincero, motivado pela verdadeira compaixão por eles.

Em termos mais gerais, a Escritura ensina que devemos nos amar uns aos outros, imitando o amor que Deus demonstrou por nós. E, claro, o maior exemplo disso é Cristo, que morreu por nossos pecados. Ouça o ensinamento de João em 1 João 4:9-11:

Foi assim que Deus manifestou o seu amor entre nós: enviou o seu Filho Unigênito ao mundo, para que pudéssemos viver por meio dele. Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. Amados, visto que Deus assim nos amou, nós também devemos amar uns aos outros (1 João 4:9-11).

Como pecadores, éramos ofensivos a Deus. Nós o odiávamos. Nós fomos colocados contra ele como seus inimigos. Nós merecemos punição, não misericórdia. Mesmo assim, Deus estava disposto a sacrificar seu Filho, a quem ele amava acima de tudo para nos salvar. E seguindo seu exemplo, devemos estar dispostos a sofrer em favor dos outros.

É claro que nunca podemos fazer um sacrifício expiatório em favor de outra pessoa — e as Escrituras não nos pedem. Mas nos pede que mostremos o mesmo tipo de amor pelos outros que Deus nos mostrou na expiação. Nós faríamos de bom grado estes

sacrifícios para nossos próprios filhos, porque valorizamos suas vidas mais do que as nossas. E Deus nos pede para imitar sua graça, colocando o mesmo valor em seus filhos também. Como João escreveu em 1 João 3:16-18:

Nisto conhecemos o que é o amor: Jesus Cristo deu a sua vida por nós, e devemos dar a nossa vida por nossos irmãos. Se alguém tiver recursos materiais e, vendo seu irmão em necessidade, não se compadecer dele, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra nem de boca, mas em ação e em verdade (1 João 3:16-18).

Quando deixamos de imitar a graça expiatória de Deus, é fácil para o nosso chamado “amor” consistir apenas em serviço labial. Por exemplo, é fácil pensar que os pobres merecem sua pobreza ou que é responsabilidade de outra pessoa cuidar deles. É fácil colocar nossos interesses acima dos interesses dos outros e preferir conforto e facilidade ao trabalho duro de ajudar os outros.

Mas o gracioso exemplo de Deus nos obriga a desistir de nosso dinheiro e posses, e até mesmo de nossas vidas, para proteger e cuidar de nossos irmãos e irmãs em Cristo. Ensina-nos a amá-los de todo o coração para que nos motivemos a sacrificar, a sofrer e até a morrer por eles.

Com essa compreensão da graça expiatória de Deus em mente, estamos prontos para falar sobre o modo como sua graça comum nos fornece um exemplo a seguir.

Graça Comum

A graça comum é um termo técnico em teologia que se refere à bondade de Deus para aqueles que nunca serão salvos. Para aqueles de nós que finalmente receberão a salvação, a graça de Deus sempre trabalha em direção à nossa redenção. Mas Deus também estende a bondade não-redentora, ou “graça comum”, para aqueles que nunca receberão a salvação.

No Sermão do Monte, Jesus se referiu à graça comum de Deus como uma expressão de seu amor por toda a humanidade. Com certeza, o amor geral de Deus pela humanidade não é tão grande quanto seu amor pelos crentes. No entanto, é verdadeiro e genuíno, e fornece um modelo que devemos imitar. Em Mateus 5:44-48, Jesus deu o seguinte ensinamento sobre a graça comum:

Amem os seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem, para que vocês venham a ser filhos de seu Pai que está nos céus. Porque ele faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos ... Portanto, sejam perfeitos como perfeito é o Pai celestial de vocês (Mateus 5:44-48).

Como Jesus ensinou, a perfeição de Deus inclui seu amor por pessoas más, mesmo para aqueles que nunca chegarão à fé em Cristo. E Deus expressa esse amor de muitas maneiras, como através do sol e da chuva. Deus é gentil com todas as pessoas,

proporcionando estabilidade e produtividade para elas na natureza, e permitindo que elas prosperem nesta vida. Isso não quer dizer que Deus é sempre gentil — ele não é. Às vezes ele envia julgamento contra os ímpios. Mas geralmente, ele mostra tolerância e generosidade, mesmo para seus inimigos.

E porque amamos a Deus, também devemos amar as pessoas que ele ama. Seguindo o exemplo de Deus, nosso amor deve nos motivar a sermos bons e gentis com todas as pessoas, mesmo que elas nos odeiem e nos persiguam. Por exemplo, em Êxodo 23:4-5, a lei de Deus exige que protejamos os bens de nossos inimigos. Ouça o que diz:

Se você encontrar perdido o boi ou o jumento que pertence ao seu inimigo, leve-o de volta a ele. Se você vir o jumento de alguém que o odeia caído sob o peso de sua carga, não o abandone, procure ajudá-lo (Êxodo 23:4-5).

Essas instruções aparecem em um contexto que fala de justiça. A ideia é que devemos preservar a justiça para todas as pessoas, mesmo que elas nos odeiem.

Mas Jesus não nos ensinou simplesmente a preservar a justiça para nossos inimigos; ele nos ensinou a amá-los. Devemos preservar a justiça para eles, porque sinceramente queremos que eles recebam os benefícios e a proteção da justiça, e porque amamos o Deus que é o padrão da justiça.

É fácil não ter esse tipo de amor pelos nossos inimigos. Na melhor das hipóteses, geralmente preferimos ignorar suas necessidades. E na pior das hipóteses, somos motivados a nos vingar contra eles e nos regozijar quando eles sofrem injustiças. Mas estas não são as atitudes que caracterizam Deus; eles não são os motivos que ele modelou para nós. Quando fazemos essas coisas, estamos pensando de maneira egoísta, procurando agradar a nós mesmos. Estamos seguindo os exemplos do mundo pecaminoso e do diabo, não do Senhor da misericórdia e da justiça.

Pense em uma discussão que você teve com alguém que ama. Talvez fosse um pai ou uma criança, um cônjuge ou um amigo próximo. Às vezes, esses argumentos produzem raiva e ressentimentos. Mas a maior parte do tempo, nossa raiva não ofusca nosso amor por essas pessoas. Mesmo em nossa raiva, continuamos comprometidos com eles. Nós ainda os amamos. E ainda não estamos dispostos a vê-los tratados injustamente.

Bem, em muitos aspectos, é assim que Deus quer que nos sintamos sobre nossos inimigos. Devemos ter uma preocupação genuína pelo bem-estar deles. E essa preocupação genuína deve se manifestar em ação. Deve nos motivar a sermos gentis com eles, a orar por eles, a protegê-los e a provê-los quando estão em necessidade.

Agora, precisamos oferecer pelo menos uma qualificação para a maneira como imitamos a graça comum de Deus. Especificamente, precisamos mencionar que esse tipo de amor não impede o desejo de justiça. Deus às vezes retém sua bondade para executar julgamento contra os ímpios. E os julgamentos de Deus são sempre bons e corretos. Além disso, a Escritura ensina que a justiça é um aspecto importante do amor. Como lemos no Salmo 33:5:

Ele ama a justiça e a retidão; a terra está cheia da bondade do Senhor (Salmos 33:5).

Um desejo de justiça contra aqueles que nos prejudicaram não é incompatível com o amor. De fato, idealmente, quando verdadeiramente imitamos a graça comum de Deus, nosso desejo por justiça, nosso amor por Deus, nosso amor por nossos vizinhos e nosso amor por nossos inimigos são notavelmente semelhantes. E a razão é esta: Deus, que é justiça, freqüentemente usa seus julgamentos como um corretivo para levar os pecadores ao arrependimento e à salvação. Por exemplo, em Zacarias 14:16, o julgamento de Deus contra as nações leva ao arrependimento:

Então, os sobreviventes de todas as nações que atacaram Jerusalém subirão ano após ano para adorar o rei, o Senhor dos Exércitos (Zacarias 14:16).

Mesmo quando desejamos a justiça de Deus, nosso motivo final deve ser o amor. Devemos esperar que a justiça de Deus traga o arrependimento que leva à vida.

O amor de Deus é complexo. Se simplificarmos demais, podemos erroneamente concluir que não podemos amar nossos vizinhos ao mesmo tempo em que desejamos justiça contra os iníquos, ou que não podemos amá-los ao mesmo tempo em que odiamos o mal que vemos no mundo. Mas as Escrituras ensinam que o amor de Deus inclui tanto o desejo de justiça quanto o ódio ao mal. Assim, a solução para nós como cristãos é ter certeza de que nossos desejos por justiça e nosso ódio ao mal são parte integrante de nosso amor por toda a humanidade. Quando esses sentimentos são divorciados do amor, eles são pecaminosos. Mas quando elas são expressões de amor, elas são justas e nos motivam a pensar, falar e agir de acordo com as maneiras que Deus aprova.

Tendo falado de lealdade e ação, estamos prontos para nos voltarmos para o afeto, que é o aspecto mais explicitamente emocional do amor.

AFEIÇÃO

Professores cristãos às vezes falam do amor bíblico como se consistisse inteiramente de ações e pensamentos. Por exemplo, alguns argumentam que a Bíblia nos exorta a amar de maneiras ativas e que não importa como nos sentimos emocionalmente. Eles dizem que o amor por Deus consiste em obedecer externamente aos mandamentos de Deus, fazendo coisas como ir à igreja, fazer nossas orações, ler a Bíblia e nos calar. E o amor ao próximo consiste em restringir nossa raiva, ser educado, abster-nos de ostentação e coisas semelhantes. Mas a Bíblia nos dá uma perspectiva muito diferente sobre o assunto. Lembre-se das palavras de 1 Coríntios 13:1-3:

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine. Ainda que eu tenha o dom de profecia e saiba todos os mistérios e todo o conhecimento, e tenha uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver amor, nada serei. Ainda que eu dê aos pobres tudo o que possuo e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me valerá (1 Coríntios 13:1-3).

As boas obras que Paulo descreveu aqui são moralmente boas quando são motivadas por afeição sincera. Mas quando elas não são, elas são inúteis. Sem amor, o dom espiritual das línguas torna-se um prato estridente. Sem amor, mesmo aquele que tem profecia, conhecimento e fé não é nada. Sem amor, aquele que desiste de todos os seus bens e até mesmo a sua vida não ganha nada. O amor é uma dimensão emocional crítica de todas as ações que podemos realizar. Sem amor, nada do que fazemos pode ser considerado bom.

Considere também Mateus 15:7-9 onde Jesus deu esta crítica afiada:

Hipócritas! Bem profetizou Isaías acerca de vocês, dizendo: “Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão me adoram; seus ensinamentos não passam de regras ensinadas por homens” (Mateus 15:7-9).

O ponto de Jesus era simples — honrar e adorar a Deus sem afeição é hipocrisia. Quer nossas ações sejam dirigidas a outras pessoas ou a Deus, elas devem ser motivadas por um genuíno sentimento de afeição.

Há muitas afeições ou emoções diferentes que podemos discutir como aspectos do amor que motivam as boas obras, mas o tempo nos permitirá apenas mencionar dois. Em primeiro lugar, falaremos de gratidão a Deus. E segundo, vamos considerar o medo de Deus. Vamos começar com o modo como a gratidão nos motiva a agradecer ao Senhor e cuidar de nossos vizinhos.

Gratidão

Nas Escrituras, a gratidão deve ser a nossa resposta normal à graça e benevolência de Deus, e deve nos motivar a obedecê-lo. Por exemplo, os Dez Mandamentos são introduzidos por uma declaração da benevolência de Deus. Essa benevolência deve nos fazer gratos, de modo que queremos manter os mandamentos que se seguem. Ouça o modo como Êxodo 20:2 introduz os Dez Mandamentos:

Eu sou o Senhor, o teu Deus, que te tirou do Egito, da terra da escravidão (Êxodo 20:2).

Na época em que Deus deu os Dez Mandamentos para Israel, o Êxodo do Egito foi o maior evento de redenção que já ocorreu. Era o equivalente do Antigo Testamento do sacrifício de Cristo no Novo Testamento — o evento que os escritores bíblicos constantemente mencionaram a fim de inspirar gratidão em seus leitores.

Imediatamente após esta introdução aos Dez Mandamentos em Êxodo 20, encontramos os Dez Mandamentos. Como muitos teólogos notaram ao longo dos séculos, esses mandamentos são colocados em dois grupos: primeiro, leis resumindo o que significa amar a Deus; e segundo, leis resumindo o que significa amar nossos vizinhos.

Assim, nos Dez Mandamentos, descobrimos que a gratidão sincera a Deus é destinada a ser o motivo que nos inspira a lealdade, ação e mais afeto, tanto para com Deus como nosso rei e para com nossos semelhantes como suas amadas criaturas e filhos.

E o Novo Testamento ensina o mesmo princípio. Como dissemos, o Novo Testamento tende a apelar mais regularmente ao sacrifício de Cristo como base de nossa gratidão, mas o conceito é o mesmo: a benevolência de Deus merece nosso amor e obediência. Como João afirmou em 1 João 4:19:

Nós amamos porque ele nos amou primeiro (1 João 4:19).

E como Paulo escreveu em Colossenses 3:17:

Tudo o que fizerem, seja em palavra ou em ação, façam-no em nome do Senhor Jesus, dando por meio dele graças a Deus Pai (Colossenses 3:17).

Nossa gratidão pelo dom de seu Filho deve nos motivar a amar nosso Senhor e expressar esse amor através de boas obras feitas em seu nome e para sua glória.

Não é difícil entender como a gratidão funciona como um motivo. A maioria de nós temos muitos motivos para sermos gratos. Podemos ser gratos a nossos pais pelo modo como eles cuidaram de nós ou a professores em particular pelo modo como nos orientaram. Somos gratos quando as pessoas nos resgatam do perigo ou da angústia. E em todos esses casos, nossa resposta é muitas vezes para agradecer as pessoas que nos ajudaram e até mesmo para pagá-las de alguma forma, se possível.

Por outro lado, também deve ser fácil pensar em pessoas de nossa vida que foram ingratas, pessoas que não apreciaram as coisas boas que os outros fizeram por elas. Quando somos ingratos, geralmente não desejamos agradar aqueles que nos ajudam. Em vez disso, tendemos a receber sua ajuda como se fosse nossa justa recompensa, e nos ressentimos deles se eles não tiverem o desempenho esperado. Longe de nos motivar a amá-los, a ingratidão tende a nos fazer desprezar os outros.

Claramente, como cristãos, nossa gratidão a Deus deve nos motivar a obedecê-lo e ajudar aqueles que ele ama. Nunca podemos retribuir a Deus pelo dom de Cristo, de modo que as boas obras que fazemos não são uma forma de pagamento para ele. São simplesmente as respostas amorosas daqueles que apreciam o que Deus fez. Aqueles que são verdadeiramente gratos pelo que Deus fez nunca poderiam expressar essa gratidão por se curvar a falsos deuses, ou por tomar seu nome em vão, ou por fazer qualquer outra coisa que o desagrade. Nós recebemos o maior presente que se possa imaginar. Como não podemos nos entregar de todo o coração ao nosso Senhor da aliança?

Tendo visto como a gratidão deveria nos motivar para as boas obras, podemos agora abordar o temor de Deus que é parte do nosso amor por ele e que motiva nossas boas obras.

Temor

Na igreja moderna, os cristãos geralmente não falam em temer a Deus. E talvez a razão seja que o conceito é tão mal compreendido. Quando os cristãos modernos pensam em temor, geralmente associamos isso ao terror e ao medo. Tememos coisas que podem nos prejudicar, coisas que pretendem mal contra nós. E sem dúvida a Bíblia

freqüentemente usa a palavra “medo” dessa maneira. Mas esse tipo de temor de Deus não faz parte da vida de um crente. Como o apóstolo João escreveu em 1 João 4:17-18:

Dessa forma o amor está aperfeiçoado entre nós, para que no dia do juízo tenhamos confiança, porque neste mundo somos como ele. No amor não há medo; ao contrário o perfeito amor expulsa o medo, porque o medo supõe castigo. Aquele que tem medo não está aperfeiçoado no amor (1 João 4:17-18).

O amor é aperfeiçoado nos cristãos, e esse amor perfeito expulsa o medo porque Deus nunca nos prejudicará. Portanto, este não é o tipo de medo que a Escritura pretende quando fala do temor de Deus de uma forma positiva. O tipo de medo que temos em mente é descrito por Moisés em Deuteronômio 10:12-13. Ouça o que ele escreveu lá.

E agora, ó Israel, que é que o Senhor, o seu Deus, lhe pede, senão que tema o Senhor, o seu Deus, que ande em todos os seus caminhos, que o ame e que sirva ao Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração e de toda a sua alma, e que obedeça aos mandamentos e aos decretos do Senhor, que hoje lhe dou para o seu próprio bem? (Deuteronômio 10:12-13).

Embora existam nuances ligeiramente diferentes entre as obrigações listadas por Moisés, elas são essencialmente a mesma coisa. Temer, andar, amar, servir, observar — todos se referem a prestar obediência sincera, leal e ativa a Deus e suas ordens.

Por uma questão de simplicidade, podemos definir o temor de Deus como “respeito, reverência e honra por Deus, que produz adoração, amor e adoração a Deus”. Em certa medida, esse tipo de medo caracteriza cada verdadeiro crente em Cristo. Por exemplo, em Isaías 33:5-6, lemos essa exortação:

O Senhor é exaltado, pois habita no alto; ele encherá Sião de retidão e justiça. Ele será o firme fundamento nos tempos a que você pertence, uma grande riqueza de salvação, sabedoria e conhecimento; o temor do Senhor é a chave desse tesouro (Isaías 33:5-6).

Observe que, longe de ser uma expressão de terror, o medo reverencial está associado à confiança em Deus como nosso fundamento seguro e salvação.

Em Isaías 11:2-3, descobrimos que esse medo também caracteriza o Messias. Ouça as palavras do profeta:

O Espírito do Senhor repousará sobre ele, o Espírito que dá sabedoria e entendimento, o Espírito que traz conselho e poder, o Espírito que dá conhecimento e temor do Senhor. E ele se inspirará no temor do Senhor. Não julgará pela aparência, nem decidirá com base no que ouviu (Isaías 11:2-3).

O medo reverencial não é uma resposta ameaçadora e acovardada a Deus. Pelo contrário, é um gozo. Além disso, como lemos em Atos 9:31, o mesmo medo caracterizou a igreja primitiva. Ouça a sua conta:

A igreja passava por um período de paz em toda a Judéia, Galiléia e Samaria. Ela se edificava e, encorajada pelo Espírito Santo, crescia em número, vivendo no temor do Senhor (Atos 9:31).

Mais uma vez, o medo está associado a sentimentos como paz, força e encorajamento, e não com terror ou alarme.

O medo reverencial de Deus é o sentido de viver em sua presença constante. É a compreensão de quem e o que Deus é e do que ele exige de nós. E, como tal, é tanto um aspecto do amor como um motivo para realizar boas obras. É um aspecto do amor porque é uma resposta afirmativa e apreciativa à grandeza e bondade de Deus; é um forte carinho e admiração por seu caráter. E isso nos motiva a boas obras através do nosso desejo de honrar e glorificar a pessoa que amamos.

Quando nos falta essa perspectiva, é fácil tornar-se apático e preguiçoso sobre a ética cristã. É fácil pensar que Deus está longe e que não precisamos nos preocupar muito com as obrigações que ele coloca em nossas vidas. Em vez de buscar o reino de Deus, nos concentramos apenas no mundo terreno. E, como resultado, não sentimos compulsão em regular nossas vidas de acordo com a vontade revelada de Deus.

Mas quando temos um bom senso reverencial por Deus, isso nos motiva a agradá-lo de muitas maneiras. As escrituras mencionam os resultados desse motivo em muitos lugares. Mas encontramos a maior concentração deles na literatura de sabedoria do Antigo Testamento. Por exemplo, o livro de Provérbios nos ensina que o temor do Senhor é o começo do conhecimento em 1:7, o começo da sabedoria em 9:10 e uma fonte de vida em 14:27. Acrescenta duração à vida de acordo com 10:27. Isso nos ajuda a evitar o mal em 16:6. E isso traz riqueza e honra e vida em 22:4. Todos esses e muitos outros bons resultados fluem do temor de Deus. Ouça a maneira como o Eclesiastes 12:13 resume a verdadeira sabedoria e ética:

Tema a Deus e obedeça aos seus mandamentos, porque isso é o essencial para o homem (Eclesiastes 12:13).

O temor de Deus deve nos motivar a pensar, falar e agir de maneira que agrade ao nosso Deus e Rei. Deve nos motivar a guardar seus mandamentos e a fazer o bem às criaturas que ele ama.

Então, vemos que o amor funciona como um motivo para boas obras de várias maneiras. Em fidelidade, isso nos motiva a cumprir nosso dever para com Deus e com nossos vizinhos. Em ação, isso nos motiva a fazer o que glorifica a Deus e beneficia nossos vizinhos. E em afeto, isso nos motiva a agradecer ao nosso amado Senhor, servindo-o e cuidando de nossos vizinhos.

CONCLUSÃO

Nesta lição sobre o bem intencionado, nossa discussão da perspectiva existencial enfocou o conceito de motivo. Começamos observando a importância dos motivos, vendo o papel que os motivos desempenham no processo de tomar decisões bíblicas. Em seguida, nos concentramos em dois motivos muito importantes que fazem parte de toda boa decisão: o motivo da fé, tanto em nossa salvação inicial quanto em nossas vidas cristãs em andamento; e o motivo do amor, que inclui lealdade, ação e afeição.

Os cristãos tomam muitas decisões éticas todos os dias. Em muitos casos, é difícil descobrir o que é nosso dever e quais são os fatos, e muito menos ser introspectivo sobre nossas próprias pessoas. Mesmo assim, se nossas decisões são verdadeiramente bíblicas, temos que nos esforçar para explorar nossas intenções. Temos que ter certeza de que tudo o que fazemos realmente é motivado pela nossa fé em Deus e pelo nosso amor a Deus e ao próximo. Quando mantivermos nossas intenções claramente em vista, estaremos melhor preparados para tomar decisões que honrem e glorifiquem nosso Senhor.